

## RESENHA DA OBRA

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **A técnica do livro segundo São Jerônimo**. São Paulo: Cosac Naify, 2007, 208p.

*A técnica do livro segundo São Jerônimo* examina o papel de uma ferramenta, o objeto livro, como mediadora da comunicação humana. A obra nasceu, em 1952, como tese de doutorado de Dom Paulo Evaristo Arns na área de línguas clássicas na Universidade Sorbonne. No Brasil, foi publicada como livro em 1993 pela Editora Imago. Recentemente (2007), o livro de Arns foi objeto de uma primorosa reedição da Cosac Naify.

Apesar de referir-se a São Jerônimo, o estudo de Arns não está voltado nem para a religião, nem para a teologia. Jerônimo foi escolhido por dois motivos: além de ser livreiro, ele era o autor mais importante do Império Romano no século IV, época em que o formato de livro que utilizamos até hoje – o códex – começava a superar o velho formato – o rolo. O códex, além de ser mais barato, permitia, com suas páginas sequenciais, organizar a informação de modo a facilitar acesso e recuperação. Publicação de obras cujas páginas, escritas em colunas, possibilitavam mostrar acontecimentos simultâneos na história de diversas culturas, ou emparelhamento de um mesmo texto em diversos idiomas, já fora explorada antes de Jerônimo pelo criativo editor Eusébio de Cesaréia<sup>1</sup>. A análise feita por Arns pode ser bastante inspiradora para estudos sobre qualquer ferramenta mediadora nas comunicações humanas. Ela é visão que, em alguns aspectos, confirma a ideia hoje hegemônica de que o meio é a mensagem. Isso fica evidenciado em análises que autor faz sobre o intercâmbio de informações existentes na comunidade de interesse formada por leitores habituais e amigos cultos de Jerônimo.

Em sua investigação, Arns buscou informações sobre a natureza do livro no século IV, examinando referências sobre tal ferramenta nos escritos de Jerônimo. Aspectos físicos, classificação de tipos de obras, modos de comunicação, assim como do trabalho do autor, do taquígrafo, do copista, do editor, do depositário, são estudados a partir dos textos do escritor que Dom Paulo elegeu como fonte principal de sua investigação.

O códex era solução de registro de textos mais barata que a oferecida pelo rolo. Mesmo assim, o preço da matéria-prima era proibitivo para autores sem grandes recursos financeiros, como Jerônimo. O escritor dependia de amigos abonados que ofereciam recursos para a compra de papiro ou de pergaminho. Mas o problema financeiro não se limitava à aquisição de matéria-prima. Para produzir livros profissionalmente o escritor necessitava do apoio de especialistas, sobretudo taquígrafos e copistas.

Difícilmente o escritor escrevia. Ele ditava. O ditado era anotado por um taquígrafo, não em papiro ou pergaminho – materiais muito valiosos, utilizados apenas na produção da versão final da obra. O ditado era registrado em tabuletas de cera, área para escrita que podia ser reutilizada inúmeras vezes, além de permitir correção imediata. Esse aspecto técnico da produção de livros tinha desdobramentos importantes em educação. De um lado, havia a questão da formação dos taquígrafos, profissionais com alto grau de especialização. De outro lado, as tabuletas de

cera eram a solução natural no processo de aprendizagem da escrita.

Os taquígrafos utilizavam sinais sintéticos para registrar o ditado do autor. Posterior transcrição dos registros não garantia inteira fidelidade da fala original. Havia assim, num primeiro momento, certa dose de criação coletiva do texto. Essa coprodução iria se ampliar mais tarde com a participação do copista, o profissional que transcrevia as notas taquígráficas.

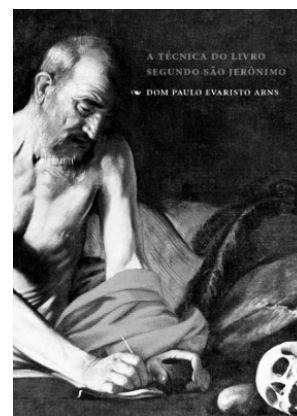
Arns registra observações interessantes sobre as interfaces entre técnica do livro e educação. As razões de utilização das tabuletas de cera na fase inicial da produção de um livro são análogas às razões que levaram a utilizá-las no processo de alfabetização das crianças. Esta observação, baseada em informação encontrada em escrito de Jerônimo, nos dá uma ideia do que acontecia no processo de aprendizagem da escrita:

É a propósito da “cera” que Jerônimo nos traça belo quadro do ensino do alfabeto na Antiguidade: auxiliada pelo mestre, a criança tenta, com a mão trêmula, conduzir seu estilete na cera. Por vezes, serão traçados sinais para que possa retraçá-los seguindo os finos sulcos. (p. 52)

Dom Paulo observa que, eventualmente, o papiro era usado na escola. Mas quase todos os exercícios de escrita e de aritmética eram feitos nas tabuletas. A técnica do livro, consideradas as necessidades de se utilizar materiais diferentes para anotações provisórias e produção definitiva do texto, sugere outro importante detalhe que se refletia no ensino escolar. As tabuletas tinham uma área limitada para anotações. Por essa razão, em seu uso buscavam-se representações sintéticas. Isso era assegurado por sistemas de sinais que compactavam a escrita das palavras mais utilizadas. Assim, além do alfabeto, as crianças aprendiam aspectos básicos dos sistemas taquígráficos da época. Isso, provavelmente, aumentava o desafio de aprender a escrever.

Em outra observação feita sobre tabuletas de cera, Arns nota que elas eram bons instrumentos para o desenho esquemático de mapas. Essa informação sugere que as mesmas, quando utilizadas com imaginação, dadas suas características flexíveis e dinâmicas, guardavam algum parentesco com programas que permitem o uso de telas de computador em atividades exploratórias da escrita e do desenho.

Na época, escrever e ler não eram atos solitários. As limitações e a natureza das ferramentas disponíveis exigiam um trabalho cooperativo. Normalmente a produção de um livro seguia o seguinte roteiro: ditado do autor, produção de rascunho pelo taquígrafo, transcrição das notas taquígráficas por um copista, revisão pelo autor, produção de versão definitiva pelo copista. E, como não havia imprensa, a versão definitiva da obra era copiada toda vez que alguém quisesse um exemplar do livro.



A estruturação de produção do livro abria muitas brechas para falsificações, cópias piratas e autoria duvidosa. Jerônimo lutou a vida toda pela autenticidade do que ele produzia e da produção de outros escritores.

Cópia pirata de originais não era o único problema. Havia questões mais espinhosas. Uma delas era a atribuição de autoria a alguém famoso para fazer circular obra de autor sem expressão. É interessante notar que esse recurso é muito comum em textos que circulam pela internet. Outro problema de autenticidade tinha como origem o trabalho do copista. Este, muitas vezes, não entendia certas palavras e termos, transformando expressões originais em informação de seu próprio repertório. Além disso, muitas vezes o copista, por não concordar com certas ideias do autor, modificava intencionalmente a obra original. Com o advento da imprensa, o controle sobre obras originais tornou-se mais fácil, mas com as facilidades de cópia oferecida pelos meios digitais a garantia de originalidade exigida por Jerônimo volta a ser um problema sério. A produção de textos escolares copiados sem indicação de fontes, utilizando as facilidades dos meios digitais, é uma prática que Jerônimo reconheceria como muito familiar.

Aspecto importante no estudo de Dom Paulo é a indicação de que o autor produzia suas obras com participação indispensável de uma comunidade de interesse formada por mecenas, discípulos, colaboradores, intelectuais que lhe colocavam determinados desafios, leitores, depositários. Convém destacar o papel destes últimos. Jerônimo encaminhava suas obras definitivas para pessoas de sua estrita confiança. Essas pessoas liberavam cópias, garantindo autenticidade do novo exemplar. O depositário exercia papel similar ao do editor nos dias de hoje. Ele não garantia, porém, controle seguro contra o aparecimento de cópias piratas.

A comunidade de interesse, identificada a partir do trabalho do escritor Jerônimo, tem outras características. Seus membros compartilham informações continuamente. Para tanto, escolhem o formato de cartas. Tal formato não deve ser equiparado às correspondências que conhecemos hoje. Carta, entre os romanos, era forma de comunicação que pode ser equiparada a um gênero literário. Cada carta é uma publicação que pode conter apenas poucas dezenas ou algumas centenas de páginas. O gênero libertava o autor de formalismos de um tratado. Aproximava-o dos leitores. Era o gênero preferido por Jerônimo. Embora tivesse um destinatário, a carta quase sempre se convertia em texto de interesse coletivo. Carta de Agostinho a Jerônimo, por exemplo, mereceu várias cópias antes de chegar ao destinatário. O teor afetivo das cartas escritas dentro da tradição cultural romana dava maior vida à comunicação e era importante instrumento de formação de identidades. As características da carta no Império

Romano mereceram destaque em recente estudo sobre a internet<sup>2</sup>. As comunidades de interesse que se formavam em torno de autores têm natureza parecida com redes sociais que utilizam recursos da internet para facilitar intercâmbio de informação e manter laços afetivos. No estudo de Dom Paulo, as narrativas sobre trocas de correspondência entre Jerônimo e seus amigos podem iluminar entendimentos sobre o que acontece hoje com o uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

A produção do livro na época de Jerônimo exigia complexas relações de uma comunidade de interesse. O autor, em que pese à originalidade de suas obras, trabalhava em associação com taquígrafos e copistas. E, apesar de confiar nos depositários para garantir autenticidade das cópias de suas obras, não podia assegurar estrito controle sobre a divulgação daquilo que produzia. Em boa parte, as relações de produção do livro se alteraram significativamente com o surgimento da imprensa. E, em nossos dias, a publicação do livro em mídia digital está trazendo outras alterações cujo significado talvez ainda não esteja muito evidente. A técnica do livro, em cada situação específica – rolo, códex, volume impresso, publicação digital – reflete e facilita relações de produção com significados culturais muito diferentes. A obra de Arns mostra de modo indireto que o livro digital não é simples transposição de uma mídia para outra – do papel para telas de objetos eletrônicos. O intercâmbio de informações entre pessoas ganhará novos contornos.

A lição mais importante do livro de Arns é a de que as técnicas dos objetos que medeiam comunicação estão entranhadas em relações humanas que precisam ser desvendadas para que entendamos significados da comunicação. Essa perspectiva tem importância fundamental em estudos sobre produção, armazenagem e acesso à informação. Tem também grande importância para que entendamos como a mediação das novas ferramentas influencia a educação.

Jarbas Novelino Barato

*Professor. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Tecnologia Educacional pela San Diego State University (SDSU).  
E-mail: Jarbas.barato@gmail.com*

## NOTAS

- <sup>1</sup> EAMON, DUFFY. Early Christian Imperios. *New York Review of Books*, v.54, n.5, March 29.2007.
- <sup>2</sup> DEAN, JODI. *BLOG THEORY*. Cambridge: PolityPress. 2010